

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

ETNO  
GRAFIA  
PORTU  
GUESA

VOL. IV

Reimpressão fac-similada da edição de 1982

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

# ETNOGRAFIA PORTUGUESA

## OBRAS ETNOLÓGICAS DO MESMO AUTOR

ETNOLOGIA: forma os volumes v e vii dos *Opúsculos*, onde se reproduzem todos os trabalhos menores do autor, alguns deles inéditos.

Divide-se (esta colecção) em duas séries: série 1.<sup>a</sup>, Época lusitana; série 2.<sup>a</sup>, Época portuguesa.

HISTÓRIA DO MUSEU ETNOLÓGICO, 1915.

RELIGIÕES DA LUSITÂNIA, 3 volumes, 1897-1913.

ENSAIOS ETNOGRÁFICOS, 4 volumes, 1891-1910.

TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL, 1882.

POESIA AMOROSA DO POVO PORTUGUÊS, 1890.

SIGNUM SALOMONIS, 1918.

A BARBA EM PORTUGAL, 1925.

A FIGA, 1925.

O ROMANCEIRO PORTUGUÊS, vol. I, 1958; no prelo o vol. II.

Em preparação:

ETNOGRAFIA PORTUGUESA, vol. V (vida tradicional portuguesa).

CONTOS E LENDAS.

## PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

ANUÁRIO DAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS, 1 volume, 1882.

REVISTA LUSITANA, 38 volumes.

BOLETIM DE ETNOGRAFIA (publicação do Museu Etnológico), 5 números.

# ETNOGRAFIA

---

---

# PORTUGUESA

---

---

TENTAME DE SISTEMATIZAÇÃO

PELO

D.<sup>OR</sup> J. LEITE DE VASCONCELLOS

---

VOLUME IV

ELABORADO SEGUNDO OS MATERIAIS DO AUTOR  
— AMPLIADOS COM NOVA INFORMAÇÃO —

POR

M. VIEGAS GUERREIRO

---

NOTÍCIA INTRODUTÓRIA, NOTAS E CONCLUSÃO

DE

O R L A N D O R I B E I R O



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

1982

O *IV* volume  
da  
**ETNOGRAFIA PORTUGUESA**

do  
*Dr. J. Leite de Vasconcellos*

*é editado pela Imprensa Nacional em comemoração*  
do  
*centenário do nascimento do autor*

## Notícia introdutória

Convém que o leitor releia, para a necessária ligação com o que vai seguir-se, as *prefações* do autor aos três volumes anteriores, o último capítulo da «Introdução» (vol. 1, pp. 345–352) e tenha presente a economia geral da obra (*ibid.*, pp. 21–26)<sup>1</sup>, a mais vasta no âmbito e morosa na elaboração de todas as que lhe saíram da pena. Assim, não admira que apenas em parte pudesse ter sido executada.

\*

Dizia o Dr. Leite de Vasconcellos que começara a reunir materiais para a *Etnografia Portuguesa* desde que, na sua rústica Ucanha, uma aldeia perdida nas serranias da Beira Alta, ia apontando em caderninhos tudo o que via e ouvia ao povo, sem saber ainda ao certo que destino daria a essa colheita . . . Em 1876, com 18 anos de idade, foi estudar «preparatórios» liceais para o Porto e aí tomou contacto com o movimento científico europeu no campo da Etnografia e da Filologia; dois anos depois publicou o seu pri-

---

<sup>1</sup> Para informação de conjunto vid. também ORLANDO RIBEIRO, «Vida e Obras de José Leite de Vasconcellos» in *Portucale*, vol. xv, Porto, 1942.

meiro estudo daquela matéria, com que abrirá mais tarde a série dos *Ensaio Etnográficos*. Entre a dúzia de «Obras Etnológicas» que se enumeram na portada do presente volume, a *Etnografia Portuguesa*, se foi a última a ver a luz da publicidade, foi também a que demandou acúmulo mais vasto de materiais, elaboração mais complexa e discriminada do plano, consumindo ao autor o melhor dos últimos anos da sua longa vida.

A complexidade do assunto fê-lo hesitar no âmbito e na ordenação do seu tratamento; são testemunho do facto os vários planos que elaborou, às vezes no remanso das férias (o plano chamado *do Peral*, por exemplo), alterando, acrescentando, transpondo, até se fixar numa longa tira de papel, colada em vários bocados e emaranhada de adjunções marginais, que tinha debaixo dos olhos numa das suas mesas de trabalho e designava familiarmente por *bandeira*. Mas, além deste modelo de método e paciência, encontraram-se muitos aditamentos, aclarações, planos parcelares, que serão cuidadosamente aproveitados sempre que as suas indicações não sejam contraditadas por aquela<sup>1</sup>. Há um plano datado de Janeiro de 1918, muito sumário, que parece o mais antigo e serviu para o «prospecto» da *Etnografia Portuguesa* publicado no ano seguinte; nele se indica apenas a divisão da obra em três séries: a primeira constaria de quatro livros e de uma introdução; da segunda indica-se o título de sete volumes, que desenvolveriam alguns assuntos tratados na «vida tradicional portuguesa»; a terceira compreenderia «trabalhos suplemen-

---

<sup>1</sup> A parte do plano mais minuciosa é relativa ao livro III («Vida Tradicional Portuguesa») e será publicada no volume V da presente obra, onde esse livro terá início.

tares», publicados depois independentemente ou reunidos pela maior parte nos tomos v e vii dos *Opúsculos*. Este plano foi assim profundamente modificado. Como no geral nenhum destes papéis tem data, só o desenvolvimento da matéria e a análise do conteúdo permitiram uma escolha que não andar­á certamente muito longe da que faria o autor . . . se alguma vez se decidisse a ela! Ele próprio confessa (vol. I, pp. 21 e segs.) que examinou dezenas de classificações etnográficas «respeitantes a povos europeus e extra-europeus, a idades antigas e modernas e que também da sua parte esboçou algumas, de que depois abriu mão, descontente das mesmas, pelo que se lhe afigura árdua ou impossível tarefa tentar pôr diante dos olhos dos leitores uma classificação que definitivamente lhe agrade e o subtraia à censura dos outros; e resolveu que, con­tanto que publique inteira a enorme quantidade de materiais que reuniu, e o faça com um pouco de método, posto que criticável, a ideia de austera rigidez de classificação não deveria continuar a mortificá-lo».

De nenhum outro livro se conhece tão minucioso e laborioso planeamento: a vastidão e diversidade dos materiais, o número de anos que abrangeu a colheita, a sua ampliação incessante, a redacção tardia, o receio, que o tempo fez volver em certeza cada vez mais angustiante, de não poder ele próprio terminar a obra, explicam o cuidado com que desejou deixar expressa a sua vontade no ordenamento de factos forrageados em tantas viagens, leituras constantes e lembranças que a cada passo lhe acudiam à mente.

Começou a redigir-se a *Etnografia* no dia 1.º do ano de 1928, em Coimbra, em casa de uma «saudosa e respeitável amiga» onde casualmente se encontrava. Longe dos



seus livros e papéis, fora do ambiente de trabalho habitual, este facto tem o valor de um firme propósito. Contava o Dr. Leite de Vasconcellos nessa altura 69 anos e meio, e pouco depois o alcançou a aposentação. Por esse tempo começara também a ordenar a vasta colecção dos *Opúsculos* (1.º volume, 1928), submetendo a variedade, dispersiva na aparência, das suas «miudezas literárias», à arrumação geral por matérias e volumes e à disposição lógica por assuntos dentro de cada um deles. Apesar do aprazimento com que se dedicou a este trabalho, «porque talvez não exista nada que mais nos console, do que, em anos adiantados da existência, folhear o passado evocando felizes momentos vividos» —confessa na dedicatória ao Dr. Joaquim de Carvalho, a quem deveu a lembrança da publicação—, sente-se declinar lentamente a forte luz da sua já longa vida científica. A *Etnografia* e os *Opúsculos*, se, por um lado, correspondem a uma esperança tenaz, são, por outro, o início da irremissível liquidação.

Afastado das aulas, espaçando cada vez mais as visitas ao Museu Etnológico, que organizara com tanta canseira e dedicação, retirado de todo o convívio perturbador, no tranquilo encerro da sua casa de Campolide, ao tempo ainda quase um subúrbio, entre altas estantes de livros e mesas cobertas de papéis sem conta, tendo à mão todas as notas e quase toda a bibliografia (possuía a melhor livraria, tanto da especialidade como dos assuntos conexos, existente entre nós), Leite de Vasconcellos lançou-se resolutamente à publicação da *Etnografia*. Das suas horas de trabalho, as mais produtivas reserva-as apenas à redacção desta obra; de tarde ordena os *Opúsculos*, compõe as *Memórias de Mondim da Beira* (aparecidas em 1933), obra de devoção à sua terra natal, e a *Filologia Barranquenha*, pu-

blicação póstuma que ainda deixou inteiramente revista para o prelo (1940). Estes são os únicos livros *novos* saídos depois da *Etnografia*. Escreve, de longe em longe, alguma breve nota filológica ou arqueológica e prossegue as vastas leituras que são necessárias à elaboração daquela obra. A *Etnografia* é, de facto, o fulcro da sua vida intelectual, o tema favorito das conversas com os discípulos, o objecto contínuo das suas reflexões, a esperança e a angústia das longas noites sem sono. Na prefacção do volume III, escrita um mês e dez dias antes do falecimento, perpassa o seu derradeiro lampejo de esperança: «Apesar do vagar da impressão, devido ao tamanho do plano, cá vai caminhando!» Ficava no prelo quase um cento de páginas, em parte iniciais, em parte avulsas, do volume seguinte. Gastara com a redacção desta obra o melhor dos últimos treze anos e meio da sua longa vida!

\*

Para se compreender como serão elaborados os volumes póstumos da *Etnografia Portuguesa* é necessário que o leitor conheça, sequer sumariamente, os processos de trabalho do autor. O Dr. Leite escrevia tudo: coisas que ouvia, observações no decorrer das suas viagens, notas de leituras, reflexões e lembranças. Trazia sempre consigo uma carteirinha com verbetes para apontamentos e nunca saía sem os seus canhenhos de campo. Essas notas eram lançadas à pressa, muitas vezes a lápis, com uma letra que não raro fazia o seu próprio desespero e constitui o maior embaraço para os que manuseiam o seu espólio literário. Usava e abusava de abreviaturas e com frequência deixava as palavras por acabar. As indicações bibliográficas eram sempre lançadas sumariamente, para serem utilizadas pelo próprio na sua livraria particular, cuja arruma-

ção metódica ele tinha na cabeça, pois nunca chegara a organizar catálogo. Repartidos os livros, desalojados e reagrupados segundo outro critério, torna-se por vezes difícil, se não impossível, conferir uma citação, consultar um passo ou até descobrir a obra, ora referida pelas iniciais do autor, ora pelo título em breve, ora por qualquer vaga alusão seguida da indicação de que a possuía. Depois de buscas infrutíferas, houve que eliminar algumas citações; mas muito pouco ficou, ou ficará, por aproveitar.

O Dr. Leite nunca teve a ideia de quanto desespero podia ter evitado a si próprio se usasse apenas alguns tipos uniformes de papéis. Poupado até ao exagero, todas as aparas de tipografia lhe serviam, consoante as dimensões, de laudas, de cadernos ou de verbetes; estes eram de todos os tamanhos: nem os vocabulares, que enchem doze gavetas, têm papel semelhante e acertam rigorosamente no formato!

Toda esta papelada era sujeita a regras rigorosas de arrumação. Os apontamentos soltos seguiam o destino das matérias a que se reportavam, os canhenhos de bolso eram cortados em tiras e estas eram coladas em verbetes ou arrumadas assim mesmo, na confusão aparente dos seus diversos formatos. Os verbetes vocabulares recolhiam a opulenta messe da linguagem popular e da leitura de livros antigos. As outras matérias eram repartidas por certo número de *caixas gerais*; daí transitavam, depois de nova e mais minuciosa escolha, para pastas, onde os assuntos eram subordinados a certas rubricas amplas e arrumados por ordem alfabética, por exemplo: *amuletos*, *campo*, *casamento*, *iluminação*, *mitologia portuguesa*, *pastoreio*, etc. As notas eram metidas nessas pastas à proporção que se esvaziavam, de tempos a tempos, as caixas gerais; o primeiro

trabalho para o seu aproveitamento tem de consistir numa passagem minuciosa e na decifração de todos os papéis, antes de se lhes dar qualquer ordem cronológica, geográfica ou lógica, que o autor não teve tempo ou paciência de encontrar.

Os materiais da *Etnografia* estão todos nestas pastas, excepto as colecções especiais de literatura oral, que enchem gavetas ou caixas próprias, e onde, a par da recolha pessoal, há muita coisa solicitada ou espontaneamente oferecida por pessoas dedicadas, que, vivendo na província ou passando aí as férias, tinham facilidade em ampliar a colheita. O Dr. Leite procurou sempre estimular estes obscuros colaboradores: na *Revista Lusitana* arquivou muita da sua benemérita actividade. Quase duzentas pastas se reportam especialmente à *Etnografia*: os materiais contidos nelas devem ser ordenados segundo os planos atrás referidos. Mas muita coisa ficou informe, reunida sem qualquer ordem ou indicação de sequência: 1) recortes de jornais (Leite de Vasconcellos lia-os cuidadosamente e aproveitava muitas notícias); 2) informações ou observações recolhidas pelo autor no decurso das suas viagens ou em conversas de acaso com pessoas conhecedoras da vida tradicional; 3) lembranças e reflexões que lhe ocorriam quando viajava, durante as leituras ou no breve espaço em que concedia ao espírito um repouso ilusório; 4) apontamentos bibliográficos, notas de leitura, anotação sumária de páginas de tal ou tal obra, livros que esperava compulsar e figuram geralmente com a indicação *ad videndum*; 5) informes, notícias, relatórios, etc., que conseguia obter de inúmeras pessoas que conhecia ou consultava.

Estes materiais são, não raro, superabundantes. Era dominante nele a preocupação da generalidade do facto ave-

riguado, o que o levava a multiplicar inquéritos e a acumular exemplos; a sua curiosidade não tinha fim, a todos pedia e perguntava. Assim, muita coisa se repete e, ordenados os materiais, o trabalho seguinte consiste em escolher as informações mais completas, as versões mais genuínas, os depoimentos mais significativos.

Quanto ao que representaria pròpriamente o pensamento do autor, mútiplas dificuldades se levantam para o penetrar com fidelidade. Escrevendo muito, por tendência, encontram-se inúmeros exemplos das suas reflexões. Mas muitas notas eram tomadas à pressa, para redacção ulterior, simples lembretes sobre os quais se havia de exercer a reflexão, aceitando ou rejeitando tal ou qual juízo, aproveitando ou eliminando esta ou aquela informação. Afastadas no tempo, há notas que às vezes se contradizem; como não estão datadas, é difícil, ou impossível, saber qual seria o último juízo do autor. Outras notas exprimem dúvidas, formulam hipóteses, enunciam perplexidades que, a seu tempo, seriam ponderadas; na falta dele, entre alguma temos de decidir-nos; procurando penetrar as indecisões do seu pensamento, nada nos garante que este se não inclinaria para outro lado.

Em vida de Leite de Vasconcellos estes montões de apontamentos tinham, na sua livraria, razoável arrumação. Mas houve que deixar a casa, que foi morada de deuses lusitanos, hoje demolida e sacrificada à gananciosá renovação dos bairros velhos de Lisboa. Os papéis foram cuidadosamente apartados, empacotados, rotulados e transferidos para o Museu Etnológico, onde receberam arrumo conveniente para a sua utilização posterior. Um dos testamenteiros de Leite de Vasconcellos, o Dr. Cláudio Basto, que o Mestre designara especialmente para acompanhar

a publicação póstuma da *Etnografia*, tomou sobre si este cuidado. Depois, obras efectuadas no edificio do Museu obrigaram a uma mudança de lugar, baralhando-se tudo. Deve-se à diligência e apuro de António Machado Guerreiro, auxiliar técnico do Centro de Estudos Geográficos (Instituto de Alta Cultura), nova e metódica arrumação e a organização de um índice por verbetes que, com toda a facilidade, permite encontrar o maço que se procura. Trabalho de paciência e de discernimento, porque no *mare magnum* dos papéis Leiteanos encontra-se de tudo: contas particulares, correspondência, provas tipográficas já revistas, originais já compostos ou impressos, inúmeras notas com um sustenido no canto superior esquerdo (maneira habitual como indicava terem elas sido aproveitadas), folhetos avulsos, cadernos, recortes de jornais, apontamentos de viagem e notas de leituras nem sempre utilizáveis, espécie de ganga que envolve ou oculta o precioso filão dos materiais inéditos. O deplorável costume de não deitar nada fora, no receio de que entre o que não presta se extraviasse alguma coisa útil, foi para ele e para nós causa de atrasos e de aborrecimentos. Mesmo assim, naqueles *abismos* insondáveis da sua livraria, levaram sumiço, como por artes do diabo, coisas que nunca mais ninguém conseguiu encontrar . . .

Não se poupou o leitor a esta minuciosa notícia da economia do espólio literário do Dr. Leite de Vasconcellos para que ele possa avaliar quanto é árdua e morosa a tarefa do seu aproveitamento.

\*

Com data de 4 de Fevereiro de 1935, e aprovado pelo notário de Lisboa, Féria Teotónio, fez testamento o Dr. Leite de Vasconcellos, tendo alterado algumas disposições por

um codicilo de 15 de Junho de 1938. Aí se dá minuciosa relação dos seus haveres, distribuídos por parentes, amigos e instituições de beneficência, e se reparte a valiosíssima livraria por institutos a que o autor estivera ligado, procurando contemplar cada um com um conjunto homogêneo de obras valiosas, que pudessem servir de instrumento de trabalho a futuros investigadores. Porém, a parte mais importante do testamento é o destino do seu espólio literário, as atribuições de cada testamenteiro, os cuidados a observar na continuação das suas obras. Infelizmente, foram-lhe os fados adversos: dois dos testamenteiros que, a par de grande autoridade no campo da Filologia, revelaram também esclarecido gosto das coisas etnográficas — João da Silva Correia e Abílio Roseira —, faleceram antes do Mestre; e Cláudio Basto, solicitado a substituí-los e que sempre cultivou conjuntamente, à maneira Leiteana, a Filologia e a Etnografia, tratando estas matérias dentro das mais rigorosas exigências científicas, sobreviveu-lhe apenas quatro anos, mais de um passado em longa e atroz doença. Esta perda foi para os testamenteiros verdadeiramente *irreparável*. Cláudio Basto dominava o vasto panorama da Etnografia, tratando os assuntos ao mesmo tempo com minúcia e amplidão, rigor de método, ampla colheita no povo e nos textos e nas ligações com a Filologia e a Literatura (vid. o que o Dr. Leite escreveu a respeito dele na presente obra, vol. 1, pp. 281 e 282); professava pelo Mestre a mais esclarecida admiração e entranhado affecto; modesto por índole e destituído de ambição literária, pensava solicitar dispensa do serviço docente (era professor de uma escola técnica do Porto) e pôr de parte trabalhos pessoais para se consagrar à grande tarefa da continuação da *Etnografia Portuguesa*, quando a doença o afastou de toda a activi-